

FAÇA A DIFERENÇA: ENSINAR LÍNGUAS ESTRANGEIRAS NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Barbra do Rosário Sabota Silva¹
Leonardo José Rodrigues²

CUNHA, A. G. da; MICCOLI, L. *Faça a diferença: ensinar línguas estrangeiras na educação básica*. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

A partir de insatisfações observadas ao longo dos anos de prática e investigação sobre o ensino de língua estrangeira na educação básica, e da constatação de que algo deve ser feito em busca de contribuir para a solução deste problema, Alex Garcia da Cunha e Laura Miccoli, estudiosos acerca das práticas de ensino de línguas estrangeiras, organizaram o livro *Faça a diferença: ensinar línguas estrangeiras na educação básica* no qual reúnem textos que servem como importantes norteadores para professores e professoras da educação básica. Dentre os diversos fatores que influenciam diretamente na qualidade das aulas os autores selecionaram alguns como a desvalorização da disciplina nas escolas, a falta de tempo para as aulas de língua estrangeira e a descrença dos alunos, professores e escolas em relação ao ensino de línguas na escola para propor a organização desta obra.

O livro é composto por dez capítulos, divididos basicamente em três grandes partes. Na primeira, são discutidos assuntos relacionados com a realidade do ensino de línguas estrangeiras na educação regular. Na segunda parte, objetiva-se apresentar e analisar temas e atividades relevantes que envolvem a prática de ensino em si. Na

¹ Docente do Curso de Letras e do Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* Interdisciplinar em Educação Linguagem e Tecnologias (PPG-IELT) da Universidade Estadual de Goiás (UEG) – Campus Anápolis de CSEH. Pós-doutora em Linguística Aplicada pela Universidade de Brasília (UnB). Doutora em Letras e Linguística pela UFG. E-mail: barbrasabota@gmail.com.

² Graduando do Curso de Letras da Universidade Estadual de Goiás (UEG) – Campus Anápolis de CSEH. E-mail: leonardojoserodrigues123@gmail.com.

terceira parte, faz-se uma discussão a respeito de duas importantes áreas que fazem parte da prática de ensino dos professores, a avaliação e o tratamento do erro nas produções do aluno.

Laura Miccoli, no primeiro capítulo, discorre a respeito do cenário atual do ensino de línguas na educação básica e apresenta algumas propostas para os professores fazerem a diferença em suas aulas. Sabe-se que o ensino de línguas é um desafio para os professores, mas, ao adotarem iniciativas simples, eles podem, em suas aulas, ensinar mais que o tradicional *verb to be* e assim valorizar tanto a disciplina quanto seu ofício de professor. É ressaltado no capítulo que o professor precisa estar preparado para mudanças e para resistir às possíveis críticas dos que se sentem incomodados com inovações. São essas transformações que farão com que seu ofício seja mais do que “lecionar inglês”; seja, de fato, fazer a diferença.

Seguindo esse viés, de apresentar a realidade do ensino de línguas estrangeiras na educação básica, são apresentados, no segundo capítulo, escrito por Ana Maria Ferreira Barcelos, algumas limitações pessoais dos professores no uso do inglês. Recentes estudos mostram que a proficiência dos professores de línguas, em especial o inglês, é consideravelmente questionável, em virtude de limitações pessoais, que podem ser de cunho sócio-histórico-político ou cognitivas e emocionais. Conhecer suas próprias dificuldades é o primeiro passo para superar essas limitações. Com isso, os professores poderão buscar caminhos para tornar a língua menos estrangeira e mais íntima, como por exemplo, ouvir músicas, ler artigos e conversar com outros professores, em inglês.

Em **Papéis do professor e do aluno**, Walkyria Magno e Silva e Vera Lúcia Menezes de Oliveira e Paiva dissertam a respeito dos papéis adquiridos pelo professor e pelo aluno na sala de aula, tendo em vista o fato de que a sala de aula é um ambiente extremamente complexo. Essa complexidade acontece, uma vez que as relações entre professor e alunos fazem com que a sala de aula se torne totalmente imprevisível e instável. Faz-se, nesse capítulo, um enfoque no papel de conselheiro, incumbido ao professor, e o papel de protagonista no processo de aprendizagem, que deve ser exercido pelo aluno.

No quarto capítulo, Alex Garcia da Cunha salienta a importância da inserção da língua estrangeira em sala de aula, visto que essa inserção ajuda na fixação e na *desestrangeirização* da língua por parte dos alunos, como também dos professores. Algumas sugestões de como isso pode ser feito são dadas no decorrer do capítulo, como, por exemplo, utilizar o máximo de expressões provenientes do contexto escolar em inglês – *homework, name, class* –, além de criar atividades que possibilitem a participação dos alunos. Dessa forma, é importante que haja, na sala de aula, a promoção de um ambiente comunicativo e interativo em que professores e alunos possam aprender e praticar esse novo idioma.

Daniel Fernando Rodrigues, em **Ensino comunicativo de vocabulário**, apresenta algumas estratégias de aprendizagem do vocabulário de uma língua estrangeira, tendo em vista o fato de que, como a exposição natural ao léxico da língua estrangeira em questão é quase inexistente, as atividades propostas no ambiente escolar se tornam ainda mais importantes. O enfoque nesse capítulo é mostrar que a aprendizagem no vocabulário deve ocorrer de diversas formas, a fim de não ficar estagnado em apenas uma estratégia – como a tradução, por exemplo – assim como demonstrar que é necessário extrapolar o nível receptivo de aprendizagem; é preciso usar o léxico aprendido.

O ensino comunicativo de gramática é o assunto discutido por Eliane H. Augusto-Navarro, no sexto capítulo. Uma vez que o ensino de gramática e de práticas comunicativas quase sempre ocorrem de forma separada no contexto escolar, faz-se necessário que pensemos em atividades didáticas significativas para o aprendiz e que aconteçam de forma que gramática e comunicação sejam integradas. É importante também lembrar que, mesmo com todas as sugestões propostas de ensino comunicativo de gramática, o planejamento das aulas depende de cada professor e da realidade a que ele está inserido.

Ronaldo Lima Jr. Discute, em seu capítulo, o ensino comunicativo da leitura e da escrita. Partindo do fato de que a educação básica enfatiza a preparação do aluno à leitura, propõe-se que esse ensino de leitura não precisa ser repetitivo nem mecânico, assim como o ensino da escrita. São apresentadas várias estratégias e técnicas que

podem ser utilizadas pelos professores de língua estrangeira em suas aulas, com o propósito de obterem maiores resultados relacionados aos ensinamentos de leitura e de escrita. Os focos principais feitos nesse capítulo se referem ao uso de esquemas como estratégia de aprendizado e ao fato de que os ensinamentos de escrita e leitura devem ser pensados como atividades continuadas, que envolvam o antes, o durante e o depois da produção dos alunos.

Numa época em que as tecnologias digitais estão cada vez mais presentes no dia-a-dia da sociedade, Ronaldo Corrêa Gomes Jr. e Luciana de Oliveira Silva buscam, no oitavo capítulo, explicar "por que" e "como" integrá-las às práticas de aprendizagem de línguas estrangeiras na sala de aula. São apresentadas atividades que podem ser feitas utilizando essas tecnologias, baseando-se em quatro princípios a serem seguidos durante essas atividades: coletar, relacionar, criar e doar, no sentido de disseminar os conhecimentos produzidos nas redes. Dessa forma, as atividades em sala serão significativas e contextualizadas, uma vez que a função atribuída às tarefas a serem realizadas são as que já são observadas em decorrência do uso dos recursos digitais.

No penúltimo capítulo, Douglas Altamiro Consolo discute a avaliação do rendimento e da proficiência em língua estrangeira dos alunos e propõe instrumentos de avaliação baseados na comunicação e no uso efetivo da língua por parte dos alunos. Faz-se um enfoque a respeito da integração entre o ensino e a avaliação, que devem ser relacionados, uma vez que a avaliação só deve ser feita tendo em vista o que foi ensinado e trabalhado pelo professor no decorrer das aulas. Além disso, a avaliação deve acontecer processualmente, o que implica na constância e consistência do olhar avaliativo, uma vez que todas as atividades feitas em sala de aula contribuem para o processo de ensino-aprendizagem do aluno.

Laura Miccoli encerra as discussões acerca do ensino de línguas estrangeiras na educação básica discutindo o tratamento do erro na produção do aluno. O erro aqui não é visto como vilão e sim como partícipes no processo, já que são descritos como "passos em direção à aprendizagem" (p. 174). São apresentados conceitos fundamentais que devem ser compreendidos pelos professores para que a avaliação seja mais eficiente. São eles: validade, que diz respeito à definição do que se pretende avaliar;

confiabilidade, que se refere à veracidade dos resultados obtidos por meio da avaliação; praticidade, entendida como a adequação da avaliação à realidade da sala de aula e seus recursos; autenticidade, referente ao grau de correspondência das atividades avaliativas com o uso real da língua; e, por fim, retroatividade, ou seja o efeito retroativo que corresponde à consequência, seja ela negativa ou positiva, do processo avaliativo. Além disso, discute-se a respeito da prática do *feedback* corretivo e do erro como recurso metodológico, uma vez que é por meio da análise e compreensão dos erros dos alunos que os professores devem planejar, selecionar e adaptar suas metodologias de ensino.

Por fim, entendemos que esta obra se constitui em um importante norteador para os professores e professoras de línguas estrangeiras na educação básica. Por ter sido organizada por professores de língua estrangeira, são apresentadas inúmeras atividades contextualizadas e dinâmicas que podem ser mais produtivas que as simples atividades propostas pelos livros didáticos. É evidente que nenhum material didático deve ser excluído, mas é preciso que haja a inserção de novas estratégias e práticas de ensino-aprendizagem durante as aulas para obter a transformação necessária ao cenário atual de baixa aprendizagem de línguas estrangeiras na educação básica, como apontado ao início desta resenha.

Embora o processo de ensino-aprendizagem da língua inglesa tenha recebido mais enfoque, esse livro traz orientações e sugestões aos professores de línguas estrangeiras em geral, relacionadas à assuntos relevantes acerca do planejamento e da execução de atividades em sala de aula e extraclasse. Nesse sentido, recomendamos a leitura desta obra por professores de línguas estrangeiras, estejam eles em formação universitária ou continuada, que desejam fazer a diferença no seu desafiador ofício de professor e no prazeroso trabalho que realizam.

Recebido em 09/07/2017

Aprovado em 22/09/2017